

VOZES DA FLORESTA

Chico Mendes Vive

Texto: Zezé Weiss
Direção: Lucélia Santos



Xapuri
EDITORA

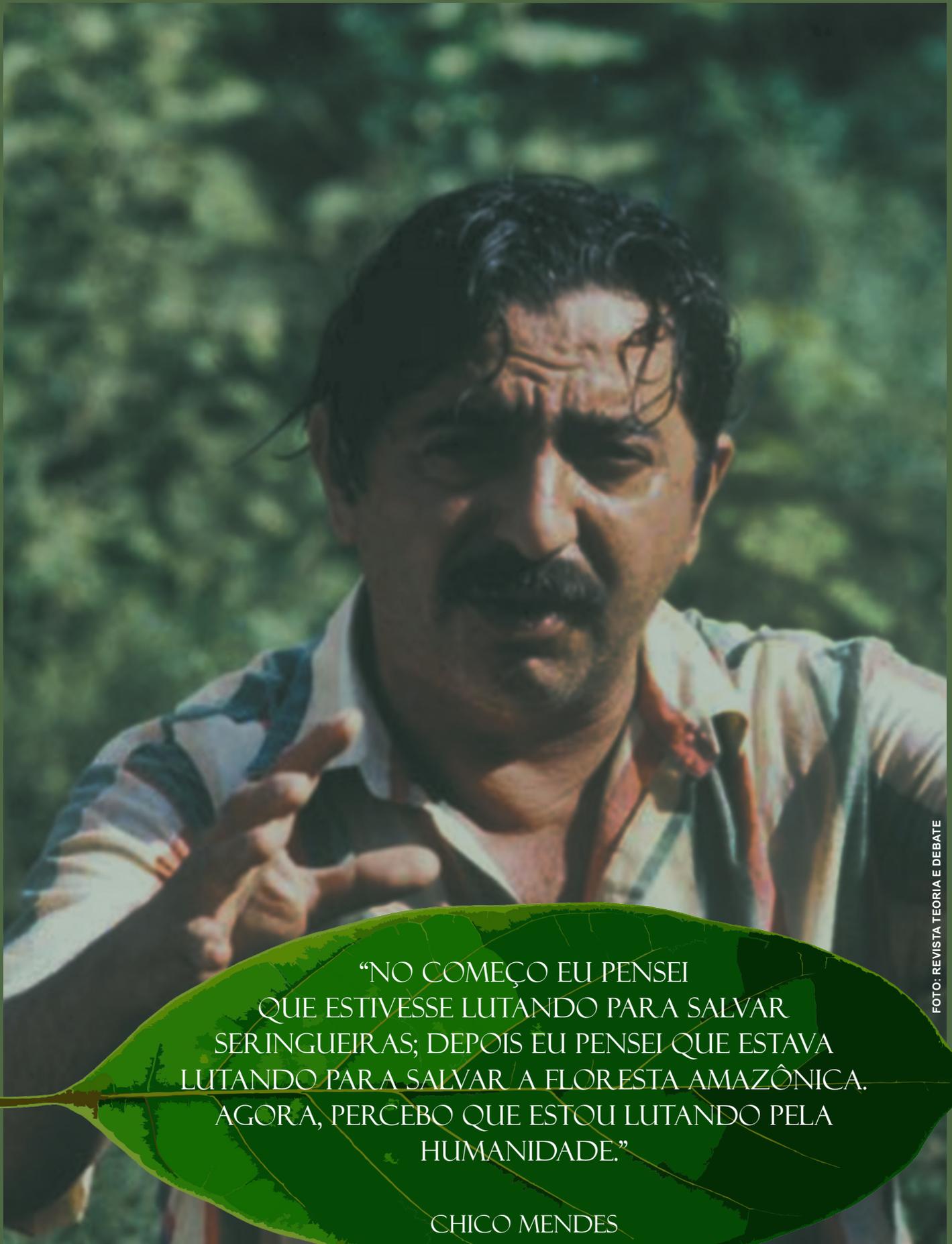


FOTO: REVISTA TEORIA E DEBATE

“NO COMEÇO EU PENSEI
QUE ESTIVESSE LUTANDO PARA SALVAR
SERINGUEIRAS; DEPOIS EU PENSEI QUE ESTAVA
LUTANDO PARA SALVAR A FLORESTA AMAZÔNICA.
AGORA, PERCEBO QUE ESTOU LUTANDO PELA
HUMANIDADE.”

CHICO MENDES



VOZES DA FLORESTA

Chico Mendes Vive

Uma memória da luta de Chico Mendes
sob a retina histórica de
Valdiza Alencar, Cecília Mendes e Lucélia Santos,
três mulheres da Resistência.

ZEZÉ WEISS



Formosa - Goiás
Outono de 2022



FICHA TÉCNICA

Copyright © 2022 by Zezé Weiss

Exceto pelas palavras e expressões regionais, grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa: Emir Bocchino. Com base em cartaz original da peça *Vozes da Floresta*, produzido por Subvertivo_Lab, a partir de foto de Lucélia Santos no Seringal Cachoeira, em Xapuri, no Acre, por Christyann Ritse

Projeto gráfico: Emir Bocchino

Falas de Chico Mendes: Entrevistas gravadas por Lucélia Santos em maio de 1988, transcritas e editadas por Zezé Weiss

Consultoria de conteúdo: Agamenon Torres Viana, Ângela Mendes, Eduardo Meirelles, Eduardo Pereira, Elson Martins, Gomercindo Rodrigues, Júlia Feitoza Dias, Marcos Jorge Dias

Preparo editorial: Zezé Weiss

Revisão: Lúcia Resende

Produção: Agamenon Torres Viana, Janaina Faustino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Câmara Brasileira do Livro (CBL) – São Paulo – Brasil

Todos os direitos desta edição cedidos pela autora, em partes iguais, à Xapuri Socioambiental – Comunicação de Resistência Ltda. BR 020 – Caixa Postal 59, CEP 73.801-500 – Formosa – Goiás. Telefone: (61) 99961 1193. E-mail: contato@xapuri.info; e ao Comitê Chico Mendes.

ISBN: 978-65-991351-6-3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weiss, Zezé
Vozes da floresta : Chico Mendes vive / Zezé Weiss. -- Formosa, GO : Xapuri Editora, 2022.

ISBN 978-65-991351-6-3

1. Amazônia - Aspectos sociais 2. Alencar, Valdiza
3. Ambientalistas - Biografia 4. Meio ambiente - Proteção 5. Mendes, Cecília 6. Mendes, Chico, 1944-1988 7. Resistência 8. Santo, Lucélia I. Título.

22-108863

CDD-304.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Ambientalistas : Biografia 304.092

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

FOTO: [HTTPS://TUNESAMBIENTAL.COM/](https://tunesambiental.com/)



AGRADECIMENTO

A LUCÉLIA SANTOS, resiliente militante da Resistência, pela coragem de me passar a tarefa de escrever esta peça, com parte das preciosas entrevistas feitas por ela com seu amigo Chico Mendes.

A VALDIZA ALENCAR, seringueira acreana, responsável, em grande parte, pela fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, no Vale do Acre.

Ao ELSON MARTINS, que, em uma manhã calorenta de Rio Branco, me contou a apaixonante história de Valdiza.

A dona CECÍLIA MENDES, matriarca do Seringal Cachoeira, tia, parceira de luta e, em vida, guardiã da memória de Chico Mendes.

Ao MARCOS JORGE DIAS, que, num mágico verão acreano, me levou para trocar longos dedos de prosa com dona Cecília na Resex Chico Mendes.

A ANGELA MENDES, filha de Chico, que, por seu indelével engajamento com a luta dos povos da floresta, me faz pensar profundo no sonho revolucionário de seu pai seringueiro.

Ao BINHO MARQUES, intelectual orgânico da florestania, por ter me contado o incrível caso do veado mágico que foi crescendo, crescendo, crescendo, até fazer o Chico correr da floresta, esbaforido.

Ao GOMERCINDO RODRIGUES, que me inspirou e inspira, com seus incríveis registros da vida de dona Cecília, dos empates e da luta toda de Chico Mendes.

E a JÚLIA FEITOZA DIAS, pelas muitas dicas na construção desta peça, que, diga-se de passagem, baseia-se em fatos reais, mas é, sobretudo, fruto do meu entendimento da história, calcado em imensas doses de imaginação.





FOTO - MICHEL DANTAS - SECRETARIA DE CULTURA DO AMAZONAS





SINOPSE

“Vozes da Floresta” retrata uma memória da luta de Chico Mendes, sob a retina histórica de Valdiza Alencar, Cecília Mendes e Lucélia Santos, três mulheres da Resistência. De seu lugar privilegiado na trama, as três entremeiam suas pungentes narrativas à voz do próprio Chico Mendes, fio condutor no relato da história coletiva do movimento de resistência dos seringueiros acreanos que é, em essência, a sua própria história.

Organizada em três atos, a partir de áudios originais e inéditos de Chico Mendes, gravados e preservados pela atriz Lucélia Santos por mais de três décadas, a peça, criada especialmente para a interpretação de Lucélia, destaca o protagonismo feminino na luta contra a destruição das florestas do Acre, desde a chegada dos “paulistas” (todo invasor vindo da região Sul, segundo os seringueiros), nos anos 1970, até o assassinato de Chico Mendes, em 22 de dezembro de 1988.

Nascida e criada no Seringal Carmen, localizado entre os municípios de Assis Brasil e Brasiléia, a seringueira Valdiza Alencar conduz a primeira parte da trama. Seu diálogo, por certo imaginário, com um jagunço, contratado para desmatar a floresta, expõe a face aguda do conflito agrário, instalado pelo latifúndio no extremo oeste da Amazônia brasileira.

Sua persistência em resistir contra a derrubada da floresta onde vivia e trabalhava, serviu e serve de exemplo para as gerações presentes e futuras.

Dona Cecília Mendes, tia de Chico Mendes e, em vida, matriarca do Seringal Cachoeira, secularmente ocupado pela família Mendes, traz, no segundo ato, o lado humano do líder seringueiro, suas histórias de vida, suas crenças de ser humano criado entre mitos e lendas, seu compromisso inarredável com a manutenção da vida na floresta, suas convicções políticas, sua militância e, de forma sucinta e forte, o registro do Empate do Cachoeira, o último dos grandes empates realizados no Acre com a presença física de Chico Mendes.

Por fim, no terceiro ato, entremeando suas próprias falas com os áudios que gravou com Chico Mendes, no Acre, meses antes de sua morte, Lucélia Santos fecha a trama representando a si mesma, em sua resiliente jornada de Resistência.

Revolucionária, a atriz move corações e mentes em defesa de um legado que precisa perdurar, para o bem comum de toda a humanidade. Contundente, Lucélia coloca toda a força de sua voz em defesa de uma memória que nos toca celebrar e honrar, para que nunca morram os ideais de Chico Mendes.

ATO I

VALDIZA ALENCAR
Seringueira e Sindicalista



CENA 01

VALDIZA – Aqui num cai um pé de pau!

JAGUNÇO – Tem prosa não, dona. Nós tamo aqui pra derrubá.

VALDIZA – Rapaiz, cata seus trem e vai imbora. Nós aqui somo tudo seringuêro. Nós pesca no mermo rio. Nós caça na merma espera. Nós dança no mermo forró. Nós somo irmão, contra essas derrubada, nós temo é que se ajuntá!

JAGUNÇO – Tem prosa não, dona. Nós tamo aqui pra derrubá.

VALDIZA – Rapaiz, faiz isso não. Pra botá boi no pasto, os “paulista” manda ocêis derrubá e queimá: derruba seringuêra, derruba castanhêra; queima copaíba, queima andiroba, queima tudo. Pode não, mano!

JAGUNÇO – Tem prosa não, dona. Nós tamo aqui pra derrubá.

VALDIZA – Pois então vai tê empate de derrubada! E é na paiz! As espingarda que nós temo é só de caça, em gente nós num atira. Mais seu patrão pode guspí fogo, que aqui nós tamo empatado. Aqui num cai um pé de pau!

JAGUNÇO – Dona, a ordi que nós temo é de esparamá o Tordon, é de desfoiá tudo cum esse veneno, pra tirá as embira, tirá as planta pequena, deixá as capoêra limpa pras motosserra entrá e fazê a derrubada.

VALDIZA – Rapaiz, tu tá avisado: Motosserra pra entrá aqui, só com ocê e seus pistolêro passano por cima di nós tudo, dos home, das muié, das criança, dos véio, dos cachorro, e inté dos papagaio. Cê sabe que aqui é desse jeito: nós junta todo mundo, vai pra frente dos jagunço e faiz um empate de derrubada.

JAGUNÇO – Se acarma, dona, deixa que nós se ajeita entre os home. Brigo cum muié, não; machuco minino, não; desrespeito os mais véio, não. Eu só preciso é fazê o meu serviço, e é sobre isso que eu mais os home vamu tê que proseá.

VALDIZA – Rapaiz, agora é eu que te digo: tem mais prosa, não! Pra derrubá essa floresta, mandado por esses “paulista”, que nós nunca vimo nem as fuça, ocêis vão tê que vivê no remorso de matá gente do seu próprio sangue.

JAGUNÇO – Dona, joga essa praga, não!

VALDIZA – O pió de tudo é que dispois de fazê o serviço sujo, ocêis tamém vão sê expulso daqui; ocêis tamém vão vê suas casa invadida; ocêis tamém vão tê suas colocação destruída; ocêis também vão amargá o desespero de perdê tudo...

JAGUNÇO – Dona Valdiza...

VALDIZA – É isso mermo que ocê tá escutano. Até esses “paulista” chegá, nós vivia em paiz nesse nosso pedaço de floresta. Agora é disgracêra por todo lado, é violência na vida de todo mundo!

CENA 02

CHICO MENDES – Ataque à Floresta (Áudio)

Essa luta da gente é uma história meio assim, meio comprida. Começou a partir de todo o movimento dos empates pela defesa da floresta, principalmente em 76. Em 76, a gente [es]tava no auge, no momento mais acirrado, no momento mais difícil, no momento mais de desespero que já ocorreu nesse Acre. Na época que os fazendeiros começaram a chegar, a partir de [19]70, começa então a expulsão em massa dos seringueiros. Os seringueiros foram expulsos, [viram] seus barracos queimados, suas casas... de repente os jagunços cercavam, tocavam fogo nos barracos. No Seringal Albrácia, em 72, tinha nove pistoleiros. O seringal foi comprado por um paulista por nome Vilela, ele trouxe nove pistoleiros, expulsaram todos os seringueiros dessa região. [E o que é que eles queriam, eles queriam expulsar vocês da região, dos seringais, botar o que no local, eles queriam...] Botar o boi [eles queriam destruir a floresta, desmatar pra botar o boi, é isso? Eles conseguiram destruir a floresta, tirar o seringueiro, tirar a seringueira, a castanheira, as riquezas que existe[m] lá dentro em troca do boi, [de] colocar o boi lá dentro. Ou seja, a substituição do homem na floresta pelo boi.



A Bordon nesse momento compra uma grande área no rio Xapuri. A Bordon expulsou em massa e tocou fogo em barraco de seringueiro, matou mulher de seringueiro, queimada. Os outros fazendeiros também reagiram [da mesma forma] e toda a região de Xapuri foi bombardeada. Mais de 70%, naquele momento, dos seringueiros, em desespero são expulsos dessa região aqui e se mandam pra Bolívia e outros pra Rio Branco, pra periferia da cidade, lá. [É] um momento de grande desespero. [Em] 76, eu assumo a diretoria do Sindicato em Brasileia, no Acre.

Começa a primeira implantação do Sindicato lá. Em 76, nós sentamos e pensamos: como, como vamos barrar esse processo de desmatamento? Apelamos pra justiça, pro advogado, porque o Estatuto da Terra dá o direito ao posseiro lá na sua colocação não poderia ser expulso. Mas isso, naquele momento, prevalecia a força e o dinheiro. A força policial já vinha em cima do dinheiro do latifúndio. Naquele período de 70 a 76, eles compraram aqui nessa região seis milhões de hectares de terras, não tiraram um tostão [do bolso], não venderam um boi no Sul pra comprar essas terras... [A Bordon?] A Bordon e outros fazendeiros que vieram do sul do País. Essas terras foram compradas todas com o apoio dos incentivos fiscais da SUDAM. O governo abriu as pernas pra esses latifundiários e, nesses seis anos, nessa nossa região, foram destruídas 180 mil árvores de seringueira, 80 mil castanheiras, e, entre madeira de lei e cedro, o abio, o cumaru-de-cheiro, o cumaru-ferro, o amarelão, foram destruídas mais de 1 milhão e duzentas mil árvores, fora as árvores médias que [es]tavam crescendo.

CENA 03

VALDIZA – Coisa abençoada que é tê rádio! Inda bem que passô o tempo do patrão proibí o seringuêro de escutá rádio, cum medo de nós sabê o preço da borracha, ô de nós tê notiça da ditatura, deixano os invasor botá fogo no Acre. Inda bem que nós demo conta de tê rádio no seringal!

MARIDO – Que nuvidade é essa, muié?

VALDIZA – Tô escutano na rádio, tem um povo em Rio Branco pra ajudá seringuêro a fazê sindicato. Só cum empate, nós num vamo segurá as derrubada.

Nóis precisa é de ajuntá mais gente, de se organizá mió, de tê mais união. Nóis precisa de ajuda, pra fazê um sindicato aqui na nossa região.

MARIDO – Indoidô, muié, tu sabe lá o que é sindicato?

VALDIZA – Sabê, num sei direito, mas sei que é um jeito de uní os seringuêro pra lutá contra as mardade dos patrão, seja os seringalista, que já explorô nós demais, seja os “paulista”, que tão aqui pra expulsá nós das nossa colocação.

MARIDO – E tu vai fazê o quê?

VALDIZA – Cum as benção da mãe seringuêra, do caboquinho da mata, de tudo que protege nós na imensidão dessa floresta, amanhã no rompê da madrugada eu vô de péis até Brasília, e de lá eu pego um ônibus pra Rio Branco. Eu vou atraiz desse povo que ajuda a fazê sindicato.

MARIDO – E tu pelo meno sabe onde fica Rio Branco?

VALDIZA – Sabê, eu num sei, mas eu harei de achá.

MARIDO – Deixa disso, muié. Tu já tem que cuidá de mim, que só andu duente, tu já tem que cuidá da casa e dus minino, tu já tem que cortá seringa pra sustentá nossa família, inventa mais nada, não!

VALDIZA – Essa vida nossa é lascada. Todo santo dia, nós acorda de madrugada, pra cortá seringa na luz da poronga. É correria o dia intêro, pra dá de cumê pra família, é só andá por essa floresta, sujeito a uma onça cumê ô a uma cobra picá, pr’ainda tê que sofrê cum invasão de “paulista” ... Dá pra guentá mais não, eu vou atraiz de recurso!

MARIDO – Muié, tu tem ideia do tamanho da distância que tu vai tê que rompê sozinha nos varadôro?

VALDIZA – Andei assuntano. Daqui de casa eu pego o rumo de Brasília. Na minha tuada, são uns três a quatro dia. Vou beirano as estrada. Rompo no alumia do dia, caminho até de tarde, dano cansêra eu vô parano pra durmi, nas colocação dos cumpanhêro.





MARIDO – E tu vai sozinha, mermo?

VALDIZA – Vou mais Deus! E de lá eu só vorto cum arguém pra ajudá nós a fazê o sindicato.

CENA 04

VALDIZA – Eita andança difícil... É passarim cantano, é onça esturrano, é pé inchano, é dia acabano, é noite chegano, é mais dia, é mais noite, e nada de aparecê essa tar de Brasília...

VOZ OCULTA – Deixa disso, vorta pra casa!

VALDIZA – É ruim, heim?! Eu daqui só ando é pra frente, eu só paro quando chegá em Brasília, porque é de lá que eu vô pegá o transporte pra Rio Branco.

VOZ OCULTA – Cê num desiste mermo! ...

VALDIZA – E é pra desistí? Tem mais de 100 anos que nossos pais chegaro aqui, comero o pão que o diabo amassô, aprendero a madrugá pra cortar seringa e a brigá pra num sê robado nos barracão da borracha, e quando as coisa miora um tiquim, vem essa borduada dos “paulista”, botano jagunço pra expulsá nós tudo do Seringal...

VOZ OCULTA – Oia lá Brasília!

VALDIZA – Minha mãe seringuêra, que trem grande que é Brasília! Aqui dentro deve cabê muitas colocação, cum as casa, os quintal e os cercado das criação!

VOZ OCULTA – Sim, senhora!

VALDIZA – Rodoviária... na rádio falaro que ônibus pra Rio Branco a gente pega na rodoviária. Bora achá essa danada!

CENA 05

VALDIZA – Minha mãe seringuêra, que lonjura é essa ... Desse jeito, num tem farofa que dure. Ô nós chega logo, ô essa lata de carne frita finda, e aí vai sê só o chibé de farinha e água, e oia lá...

VOZ OCULTA – Bem que eu avisei...

VALDIZA – Rio Branco! Que trem mais gigante desse mundo! É luz de dá tontura, é casa demais... Aqui deve cabê os seringal do Vale do Acre tudo! Eu só num sei é onde vão encontrá caça pra alimentá esse povaréu todo...

VOZ OCULTA – Vai achar o povo como?

VALDIZA – Vou achá o bispo, ele haverá de me ajudá.

VOZ OCULTA – E bispo ajuda?

VALDIZA – Tu num cunhece o Dom Moacyr. Tá sempre do lado do pobre. Num tem fraco que ele num defende. Se tem um que pode ajudá nós, esse um é o Dom Moacyr.

VOZ OCULTA – E acha o bispo como?

VALDIZA – Isso todo seringuêro sabe! Chegano na capital, é só acompanhá a torre da Igreja, que vai dá na casa do bispo, num tem erro!

CENA 06

VALDIZA – Dom Moacyr, benza deus que eu achei o sinhô! Já tem é dias que eu saí lá do Seringal. Tamo passano uns aperto danado, por isso vim atraiz de recurso.

BISPO – Dona Valdiza, por Deus, o que é que a senhora está fazendo aqui?

VALDIZA – Vim buscá socorro. Lá pra nós, chegaro os tar dos “paulista” e tão acabano cum tudo. Tão botano os jagunço cum veneno e cum motosserra pra derrubá nossa floresta, pra botá nós pra fora do lugá onde nós sempre vivemo.

BISPO – Me conte mais sobre o que está acontecendo, minha filha.

VALDIZA – Nossa vida virô uma disgracêra danada. Tão botano fogo em casa de seringuêro cum muié e menino dentro. Nós temo empatado as derrubada, mais somo fraco. Eu vim atraiz de ajuda pra fazê um sindicato.

BISPO – Minha filha...





VALDIZA – Dom Moacyr, o sinhô é o bispo, o sinhô é a ôtridade, o sinhô impõe respeito, o sinhô é do nosso lado e nós sabe que o sinhô num é frôxo, que medo o sinhô num tem, então é cum o sinhô que nós têm que si apegá, nós precisa da sua ajuda.

BISPO – Minha filha...

VALDIZA – Dom Moacyr, o sinhô num se preocupe. Nós sabemo que vai tê perseguição, nós sabemo que os fazendêro vão mandá a puliça prendê muitos de nós, que pode inté tê morte, nós também sabemo que tem muita gente vendida, inclusive jagunço que é parente nosso, mais nós num tem escolha e eu daqui só vorto cum gente pra ajudá nós a fazê o sindicato.

BISPO – Pois então vamos lá, dona Valdiza, vamos lá falar com o João Maia, que é quem pode ajudar vocês a fazer o sindicato.

CENA 07

VALDIZA – Dotô, eu escutei na rádio que o sinhô tá no Acre pra fazê os sindicato. Lá pra nós tá bem difícil, é mata caino, é capim jogado na terra, e nós seringuêro sendo expulso sem tê lugá pra donde i(r)...

SINDICALISTA – Pois não, dona Valdiza, como posso ajudar?

VALDIZA – Nossa vida é na floresta, dotô, fora dela nós num tem cumo vivê. Nós precisa do sindicato pra garanti os empate de derrubada. Eu tenho fé em Deus que o sinhô vai ajudá nós a fazê o sindicato.

SINDICALISTA – E como a senhora pensa que podemos organizar o sindicato?

VALDIZA – Dotô, nós mais ou meno já pensemo numas coisa. O sinhô chegano lá, nós ajunta os cumpanhêro e decide junto cumo é que vai sê o nosso sindicato, nós vamo ficá muito feliz de criá o sindicato.

CENA 08

VALDIZA – O sinhô seja muito bem-vindo, dotô João Maia.

SINDICALISTA – Dona Valdiza, me conta um pouco sobre como é que vocês vivem por aqui.

VALDIZA – Nossa vida é vida de pobre, dotô. A seringuêra é de donde nós tira o nosso pão. Metade do ano, no verão, que por aqui é quando chove pouco, de maio inté novembro, toda madrugada nós sai de casa, teno na cabeça essa lamparina que nós chama de poronga, corta as seringuêra da nossa estrada de seringa, dispois nós vorta colheno o leite, pra defumá, fazê virá borracha e vendê pra sustentá as nossas casa.

SINDICALISTA – Hum...

VALDIZA – Em abril nós roça as estrada, que é pra facilitá nós dá os corte nas seringuêra. Em agosto, quando a seringuêra troca as fôia, nós diminui o corte, que é pra ela tê a força de produzí por muito tempo. É esse nosso jeito de cortá, nunca machucano a madêra, que faiz cum que a seringuêra seja produtiva de avô pra neto e de neto pra bisneto, inté os dia de hoje.

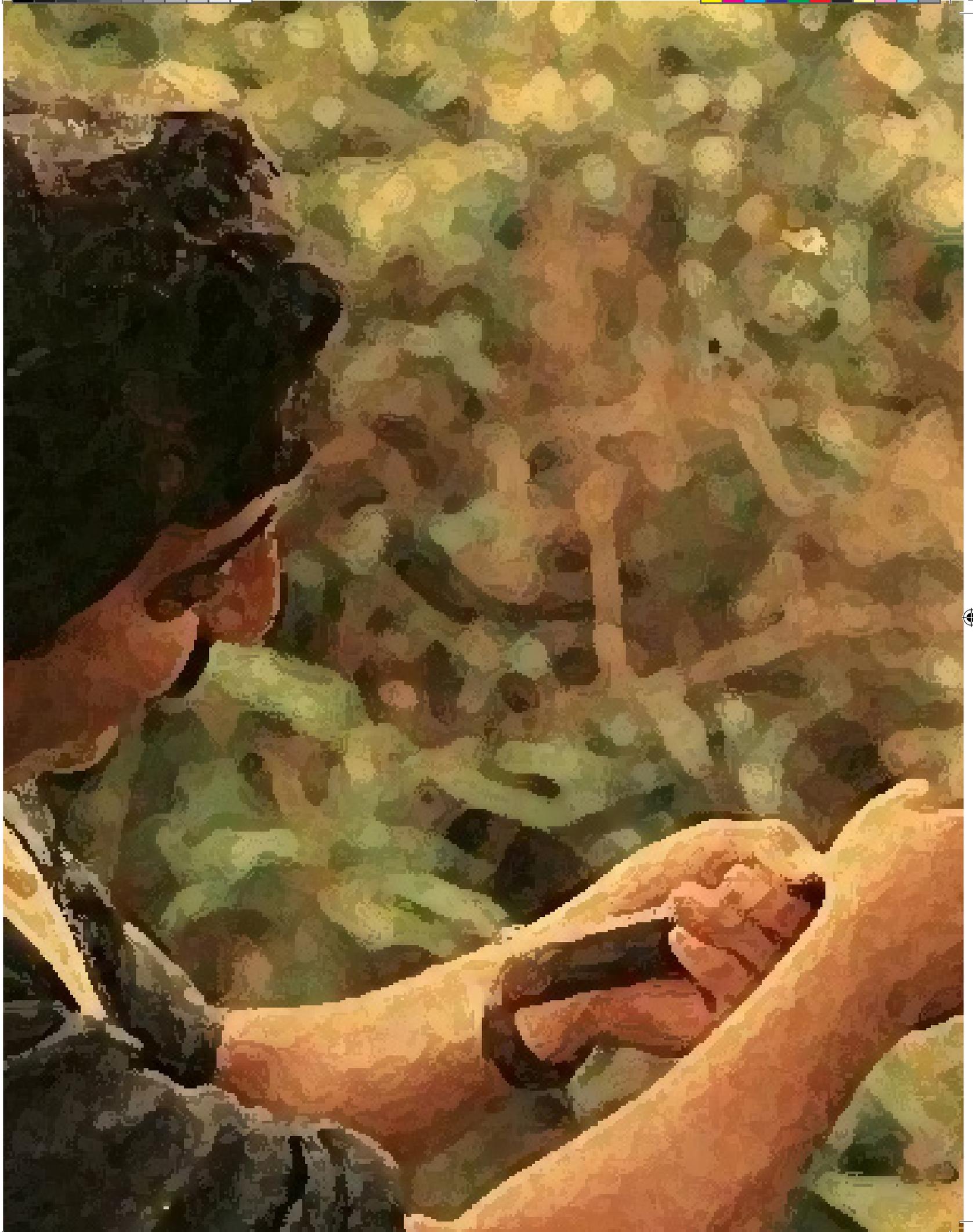
SINDICALISTA – Então a economia de vocês vem da seringueira?

VALDIZA – É que nem eu disse, dotô. Metade do ano, nós corta seringa, na ôtra metade nós colhe a castanha, que cai da árvore no ouriço da castanhêra, no começo do ano. Nós também planta feijão, macaxêra e milho, pra cumê e dá pros bichos de casa. Cum essas duas árvore, nós tira da floresta os recurso pra comprá o querosene, o sal e tudo o mais que nós precisa de lá de fora.

SINDICALISTA – Quanta riqueza! De fora, vem só isso?

VALDIZA – De fora, é só isso que vem. O resto, a gente se ajeita por aqui mermo, tirano o nosso alimento da caça, da pesca e dos roçado. Até os “pau-lista” chegá, era assim que nós levava a nossa vida.





ATO II

CECÍLIA MENDES
Seringueira e Matriarca do Seringal Cachoeira





CENA 09

VALDIZA – Cumpanherada, bora cumeçá a nossa reunião, qui o dotô tá dano o nome de assembleia. Daqui hoje nós só sai cum o sindicato formado!

SINDICALISTA – Dona Valdiza, primeiro vamos combinar: eu aqui não sou doutor, eu aqui sou só mais um companheiro. É muito bom ver essa união bonita de vocês. Agora, vocês precisam decidir como vão fazer a diretoria.

VALDIZA – Nós decidimo que na diretoria fica o Elias Rosendo, o Wilson Pinheiro e o Chico Mendes, que entende dessa luta de sindicato.

SINDICALISTA – Então fica aprovada a diretoria? Fica criado o sindicato?

VALDIZA – Cum a força dos cumpanhêro!

SINDICALISTA – E eu muito me alegre de dizer que neste mês de dezembro de 1975, na varanda da casa de paxiúba da seringueira Valdiza Alencar, no Seringal Carmen, na estrada 317, entre os municípios de Brasiléia e Assis Brasil, foi criado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, o primeiro do Vale do Acre, pra fortalecer a resistência dos seringueiros e de todos os extrativistas da Amazônia! Viva os povos da floresta!

VOZES – Viva! Viva a nossa Luta! Viva o Sindicato! Viva Elias Rosendo! Viva Wilson Pinheiro! Viva Chico Mendes! (Coro pode ser engrossado pelo convite da atriz à plateia para repetir as palavras de ordem).

CENA 10

CHICO MENDES – Mutirão contra a Jagunçada (Áudio)

Os fazendeiros reagem e dizem que nós [estamos] trazendo dinheiro de fora pra comprar armas, para organizar a guerrilha. Aí chega a polícia federal, o SNI. Mas nós resistimos, a gente insistiu. [Você se lembra, houve mortes, nesse período?] Sim, eu vou chegar lá.

Nesse período então, se organizam várias frentes de luta. E, em 79, o maior movimento rompeu-se no Acre, no município vizinho do Acre, fronteira com o Acre, no município de Boca do Acre, do estado do Amazonas, um grupo de seringueiros são ameaçados por jagunços, por pistoleiros, e o Acre, aqui, nós mandamos 300 homens pra cercar o acampamento dos pistoleiros, tomamos todas as armas, eu não fui, mas o companheiro Raimundo, meu primo, foi, e foi o primeiro movimento mais forte que se rompe, que cresce no Acre, liderado pelo companheiro Wilson de Souza Pinheiro, presidente do Sindicato de Brasileia. Isso deu uma repercussão muito forte, e como naquele momento Wilson Pinheiro era a figura principal, nos empates de derrubada, em todo o Acre, os fazendeiros, no mês de junho, todos os fazendeiros da região fazem uma reunião e decidem pela morte de Wilson Pinheiro e de Chico Mendes, que também estava começando a crescer naquele momento. No dia 21 de julho de 1980, eu estava numa Assembleia Sindical no Vale do Juruá, no outro lado do Acre, e Wilson Pinheiro estava na sede do Sindicato, assistindo uma televisão com seus companheiros. E, nessa noite, um pistoleiro se deslocou pra Brasiléia e outro aqui pra Xapuri. O que chegou aqui em Xapuri, perdeu a viagem porque aqui eu não estava. O de Brasiléia acertou em cheio no Wilson Pinheiro. Por ali, no canto da casa, deu três tiros e matou o Wilson Pinheiro. [1980?] 1980. Aquele momento, taticamente, os fazendeiros avaliaram que o Sindicato de Brasileia apesar de ser forte mas ele tava centralizado numa liderança que era o Wilson Pinheiro e que ele deveria morrer, porque matando o Wilson Pinheiro o Sindicato recuará e eles conseguiriam com isso seu trunfo principal, que era o domínio sobre a terra.





CENA 11

DONA CECÍLIA – De certa maneira, os fazendêro acertaram. Aquela morte foi muito violenta, assustou todo mundo. Armaram tocaia no Sindicato e pegaram o Wilson Pinheiro de jeito. Foi morte na hora, sem chance de defesa.

JORNALISTA – Esse assassinato ocorreu como?

DONA CECÍLIA – Os companhêro contam que o Wilson Pinheiro tava lá no Sindicato, assistindo a uma novela, parou pra jantá e quando voltava pro salão, viu um banco atravessado. Mal ele virou de lado pra ajeitá o banco, já recebeu os três tiro. Um na virilha, outro no braço, outro na nuca.

JORNALISTA – Quanta violência, dona Cecília!

DONA CECÍLIA – Violência demais, maldade demais, crueldade demais! O corpo do Wilson Pinheiro foi caindo por cima da mesa do Sindicato. O sangue dele se espalhou pela mesa toda. No dia seguinte, o filho dele encontrou os cartucho das três bala, junto daquela faixa de sangue quase seco.

JORNALISTA – Foi esse assassinato que desmobilizou o Sindicato?

DONA CECÍLIA – A morte e o que veio depois dela. Na missa de sétimo dia do Wilson Pinheiro, veio o Lula, veio muito sindicalista, veio muita imprensa. Foi nessa missa que o Lula falou que tava na hora da onça bebê água. Os companheiro, é claro, estavam revoltado.

JORNALISTA – O discurso que acabou em processo na Justiça, que deu em Lei de Segurança Nacional?

DONA CECÍLIA – Esse mesmo. Os fazendêro aproveitaram aquele clima de revolta pra queimá seu próprio arquivo. Na madrugada, mataram um capataz de fazenda, que todos pensavam que era o mandante do crime, e a culpa caiu nos seringuêro.

JORNALISTA – Como assim, além de perder o Wilson Pinheiro, os sindicalistas ainda sofreram mais violência?

DONA CECÍLIA – Dessa morte em diante, foi desgraça em cima de desgraça. Prenderam as liderança

do Sindicato, quebraram os dente dos companheiro, arrancaram as unhas deles no torniquete. O Lula, o Chico Mendes, todos foram julgados e condenados na Lei de Segurança Nacional, que era usada pelos acobertado da ditadura pra dar no lombo do povo da floresta.

JORNALISTA – Então tudo acabou, mesmo?

DONA CECÍLIA – Em Brasília não teve jeito. O Sindicato precisou recuar, por muito tempo. O que os fazendêro não contavam é com a Resistência, que veio forte, com o Chico Mendes, a partir do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.

CENA 12

JORNALISTA – Dona Cecília, a senhora sabe de muita coisa!

DONA CECÍLIA – E eu não sei? Eu vi como a luta começou. Desde que o Chico virô liderança, eu fui acompanhando tudo bem de perto. Mesmo cuidando daquela luta toda, ele sempre aparecia, era muito forte a presença dele aqui no Cachoeira.

JORNALISTA – O Chico Mendes era próximo da senhora, dona Cecília?

DONA CECÍLIA – Era meu sobrinho. O pai dele era irmão legítimo do meu esposo. O Chico pra mim era como um filho, ele me considerava muito. Eu tive 15 filhos, já perdi a conta dos neto, mas no meio dessa gente toda, quem me faz mais falta mesmo é o Chico.

JORNALISTA – Então a senhora viu o Chico Mendes crescer, dona Cecília?

DONA CECÍLIA – Vi sim! Desde muito pequeno, aquele menino mirradinho já bebia café que nem gente grande, já era diferente da molecada. Enquanto os moleque brigava, o Chico, quando ficava aborrecido, se embrenhava sozinho pra dentro da floresta, e só voltava de lá quando estava bem calmo dos nervos. Ele era de uma coragem danada...

JORNALISTA – O Chico Mendes se aborrecia muito?





DONA CECÍLIA – O Chico nunca foi de briga, só que, de menino, de vez em quando ele enfezava. Mas depois que ele cresceu, ele ficou tão calmo, tão bom, tão tranquilo... Quando a coisa esquentava, ele sempre acalmava. O Chico começava dizendo: “Não, assim a gente não resolve nenhum problema. Vem cá, vamos acalmar, vamos conversar...” Quem diria que aquele menino enfezadinho fosse se transformar nessa grande liderança que virou o Chico Mendes!

JORNALISTA – E de onde ele tirou essa capacidade de liderança, dona Cecília?

DONA CECÍLIA – Eu tenho pra mim que o Chico já nasceu líder. Ele chegava assim, no meio de uma reunião e logo ele já estava coordenando tudo, era um dom que ele tinha.

JORNALISTA – Mas teve alguém que ajudou na formação política dele?

DONA CECÍLIA – O Chico tinha fome de conhecimento, tinha doídura por aprender a ler. E ele gostava de dizer que o grande professor que ele teve, na escrita e na política, foi um homem que a gente por aqui conhecia como Pranchão.

CENA 13

CHICO MENDES – Euclides Fernandes Távora - Pranchão (Áudio)

Aqui, o patrão não deixava o filho do seringueiro ir pra escola, [era] radicalmente proibido escola em seringais. Eu, por exemplo, comecei com nove anos, engatinhando, aprendendo a andar na mata pra cortar seringa pra ajudar meu pai, porque eu tinha que contribuir para o aumento de produção do patrão. Se eu fosse pra escola, se fosse criada uma escola o que que acontecia, a produção ia diminuir porque os filhos dos seringueiros iam ter que ir pra escola (perfeito), iam perder tempo, então o patrão não deixava. O que acontece, 99% dos seringueiros, dos filhos dos seringueiros, [eram] todos [eles] analfabetos. (Você estudou, né Chico, como é que [vo]cê estudou?) Bom, eu... o meu professor, (porque você fala muito bem, você estudou... como que você estudou, sozinho? ...)

Olha, a minha história... (você leu o que, como é que a sua história de conhecimento). A minha história do meu estudo parece até subversão. Eu vivia nessa época nós, muito jovens, juntos, que não sabíamos de nada. Eu tive a sorte, meu pai sabia um pouquinho, o ABC. A minha sorte foi que, no seringal que eu trabalhava, na região que eu morava naquela época, tava a 5, 6 quilômetros da fronteira da Bolívia, [lá] eu descobri um exilado político, companheiro de [Luiz Carlos] Prestes, que foi da Intentona [Comunista] de 35 (riso), foi preso na Ilha de Fernando de Noronha, conseguiu fugir, veio para o Pará, fugiu de Belém também num navio, de calção, foi pra Bolívia, envolveu-se nos movimentos de resistência dos operários bolivianos, e também foi o tempo de repressão na Bolívia, ele não teve como escapular, ficou encurralado, ele preferiu a opção pela mata, pela floresta. Então ele tinha um barraco (em que local, na fronteira com a Bolívia?) Aproximadamente 7 quilômetros da fronteira com a Bolívia. Então um dia, uma tarde, quando a gente chegava do mato, esse companheiro chegou na nossa casa, a gente tava defumando, ele se agradou de mim, fez um pacto com meu pai para, nos finais de semana, eu caminhar 3 horas de pés numa varação, na selva, pra chegar no barraco dele, que ele interessava em me ensinar a ler. Bom, minhas aulas foram feitas através de recortes de jornais que eu não sei como é que ele recebia. Ele também tinha um rádio e as minhas aulas, parte das aulas, era o seguinte: uma noite, se ouvia os comentários em português da Voz da América, eu não tinha conhecimento com os noticiários internacionais até essa época. Eu não entendia, igual aos outros meus companheiros também. Aí, ele começou a me explicar aquela ideia.

Ele começava a me explicar o que significava aquela ideologia dos americanos e tal. No outro dia, ele me fazia ouvir os comentários da BBC de Londres (no rádio) era o rádio, minhas aulas eram essas. No outro dia, ele ouvia o comentário da Rádio Central de Moscou. Na Rádio Central de Moscou, era na época de 64, tempo do golpe militar, dizia o seguinte: olha, tantas lideranças sindicais no Brasil tão sendo torturadas, a nossa solidariedade internacional aos patriotas brasileiros, que tão sendo torturados, vítima da repressão, da ditadura militar que foi articulada pela CIA, (você pode falar pra gente o nome desse companheiro que ensinou a você ler?) Eu posso, no final eu vou falar. Aí, então, ele me ensinava. A Voz





da América dizia, olha, a Revolução Democrática e Popular no Brasil (as duas versões) o perigo o comunismo. Aí ele tirava uma noite pra me explicar... (a situação) a situação, a posição desse aqui, a posição desse (nessa época você tinha nove anos, dez anos?) Não, nessa época eu tinha 19, quase 20 anos já. Mas a gente começou 62, 63. A BBC de Londres fazia um paralelo, ela dava a notícia de um lado e outro, então ele dizia, ó: A BBC de Londres é uma rádio mais ampla, ela não defende a ideologia dos ingleses, do governo, ela divulga o que acontece no mundo, então ele me orientava a ficar mais sintonizado com a BBC. Aí ele me explicou que durante aquele período que a gente tava enfrentando, ele me explicou o que tava acontecendo, apesar de tá isolado, mas que, quem sabe, Chico daqui a cinco, dez, oito anos o movimento de resistência dos trabalhadores vai começar a surgir, vão criar novos sindicatos, a ditadura vai ter que aceitar, agora, vai ser controlado pela ideologia militar, todos esses sindicatos vão ter intervenção (e foi o que houve, mesmo). Agora é o seguinte, você não pode deixar de entrar nesse sindicato, vai chegar, mais hoje, mais amanhã, chegará o sindicato para os seringueiros e você entra, você não pode deixar de entrar no sindicato porque é lá que você vai montar suas raízes, que vai enraizar e eu lhe garanto que, um dia, se eles não te matarem, você vai conseguir ser uma grande força para os seus companheiros. Eu fiquei com aquilo na cabeça, será que isso vai acontecer... O nome dele era Euclides Fernandes Távora.

CENA 14

DONA CECÍLIA – Tem muita coisa da luta que o Chico aprendeu com o Pranchão. Mas tem muita coisa da vida que ele aprendeu foi na convivência com o povo dele, aqui no Seringal Cachoeira e nesse mundaréu de floresta.

JORNALISTA – Por exemplo?

DONA CECÍLIA – O Chico tinha um respeito danado pelos seres mágicos da floresta, ele sabia que, desde que o mundo é mundo, os índio já eram tementes do Mapinguari, uma criatura poderosa, de pelo vermelho, que zanza pela mata vendo tudo com um olho só. E os seringueiro, depois que chegaram,

passaram a adular a “Mãe Seringueira”, pra garantir a fartura da borracha.

JORNALISTA – Mas ele acreditava nisso, mesmo? Um sindicalista famoso no mundo inteiro, com medo da magia da floresta?

DONA CECÍLIA – Ele tinha respeito. O Chico era muito bom caçador, em geral ele sempre voltava pra casa com o alimento garantido, mas, antes de entrar na floresta, ele sempre pedia licença pro caboquinho da mata, pra abater a caça que ia sustentar sua família.

JORNALISTA – E dava resultado, dona Cecília?

DONA CECÍLIA – Ele tinha lá os causos dele. Um que ele contava sempre era o do dia que ele se encontrou com um ser encantado na forma de veado. O Chico na espera, cansado. De repente, aparece um veado. Ele aponta a espingarda. O veado vai crescendo, crescendo, até ficar da mesma altura da galha da árvore, de onde ele tentava atirar.

JORNALISTA – E aí, como é que o Chico Mendes reagiu?

DONA CECÍLIA – E aí que foi uma correria só. Esbaforido, naquele dia o Chico voltou pra casa sem a comida pros filho, mas com mais um caso de tirar o fôlego pra contar.

JORNALISTA – Então o seu sobrinho era mesmo um bom contador de causos...

DONA CECÍLIA – Ele sempre tirava um caso desses da cabeça quando queria agradar uma visita, especialmente se aquela pessoa pudesse ajudar na luta do Sindicato. Era um o jeito dele de chamar a atenção pra arrumar aliados na defesa dessa floresta, que sempre deu sustento pro nosso povo.

JORNALISTA – E essa estratégia dava certo?

DONA CECÍLIA – Foi dando. O Chico começou organizando os seringueiro aqui mesmo, entre Brasiléia e Xapuri. Depois, ele passou a andar com os índio, a falar que todo mundo tinha que se juntá, que era preciso fazer romper a inimizade histórica que separava os índio dos seringueiro, pra fazer uma grande aliança dos povos da floresta. Nisso, ele



também foi juntando um monte de aliado, gente que vinha de longe pra apoiar as lutas dele.

CENA 15

CHICO MENDES – Aliança dos Povos da Floresta (Áudio)

Xapuri, que [es]tava caminhando, engatinhando naquele tempo, retoma o movimento (com força) retoma com força o movimento com uma experiência diferente: a liderança, nós não devemos ter uma liderança única, mas todos os trabalhadores devem ser líderes. Agora, como sempre acontece no movimento dos trabalhadores no Brasil, o pessoal começa a centrar força mais num nome, e esse nome ou por sorte ou azar caiu em cima de mim. É o Chico Mendes que começa a liderar o movimento. Então, nós começamos a pensar o seguinte, começamos a montar as escolas, começamos a construir novas lideranças, com as escolas, em cada escola começam a surgir lideranças porque o seringueiro começa a ter uma visão e começa a participar mais ativamente do movimento. Isso começou a chegar lá fora, a imprensa começa a dar um maior destaque nessa luta de Xapuri. E aí nós pensamos numa ideia, ora, o seringueiro não é reconhecido como classe, poxa, então nós vamos ter que encontrar uma forma de pressionar as autoridades federais, lá em Brasília, que tá o foro das decisões, o seringueiro nunca foi a Brasília e nós vamos ter que defender agora uma forma do seringueiro ir a Brasília e contar a sua história lá. A Mary [Allegretti] começa a articular com algumas entidades, me chama, eu vou a Brasília em maio de 85, e se começa a articular então o Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília. E aí em outubro de 85 a gente marca na história da luta do seringueiro da Amazônia o I Encontro Nacional dos Seringueiros da Amazônia. E isso foi um encontro que ficou histórico na luta dos seringueiros, em toda a história desde 1870 pra cá, aí começa a aparecer os aliados, começa a engrossar a luta nos empates, começamos a ter vitórias. Com essa experiência de Xapuri em realizar esse Encontro Nacional em Brasília, aí nesse encontro se começa a descobrir outras lideranças que viviam isoladas, que desperta a sua consciência e começa então a

se expandir pra toda a Amazônia essa luta. E surge a proposta de aliança com as principais lideranças indígenas, a partir daí pra se unificar essa luta dos seringueiros. E aí começa então, com a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, se pensa numa possibilidade de manter contato com a direção da União das Nações Indígenas. Se faz um contato através do Ailton Krenak, a partir com Biraci Brasil, a discussão começa a se ampliar e hoje começa-se já a acontecer os encontros dos índios com a participação dos seringueiros e a Aliança começa a se ampliar. A nível de cúpula ela está ampliada, só falta agora se estabelecer essa Aliança nas bases dos índios com os seringueiros. Denomina se com isso a Aliança dos Povos da Floresta Amazônica.

ATO III

LUCÉLIA SANTOS
Atriz e Militante Socioambiental





CENA 16

DONA CECÍLIA – A vida do Chico era assim, de sonho e de luta, mas também de conflito, de muito conflito...

JORNALISTA – Foram décadas de risco de morte, não foram, dona Cecília?

DONA CECÍLIA – Pois não foram? A encomenda era pra matar o Chico aqui em Xapuri, no mesmo dia que mataram o Wilson Pinheiro, lá em Brasília. Naquela noite, o jagunço armou tocaia, mas perdeu a viagem, porque o meu sobrinho andava longe, bem longe de Xapuri. Mas o Chico sabia que era questão de tempo, que ele era um cabra marcado pra morrer.

JORNALISTA – Como assim, dona Cecília, um cabra marcado pra morrer?

DONA CECÍLIA – A cada luta, era mais um risco. A cada viagem, era mais um perigo. A cada vitória do movimento, o Chico ficava mais perto da morte. E ele sabia disso, mesmo sendo um homem cheio de vida, ele sabia que ia ser morto.

JORNALISTA – O Chico Mendes sabia que ia morrer...

DONA CECÍLIA – O Chico sabia que não tinha jeito, que o latifúndio não ia deixar ele vivo.

JORNALISTA – Difícil entender isso, dona Cecília, um seringueiro marcado para morrer, por defender a floresta....

DONA CECÍLIA – Foi um tempo de muita violência. A pecuária entrou botando todo mundo pra fora, mesmo. Eles compravam o seringueiro dentro, a preço de banana, com o seringueiro dentro. E o grileiro, que vendia uma floresta que não era dele, que não era de ninguém, já ia dizendo que era só chegar lá e botar o povo pra fora, que o seringueiro não valia nada.

JORNALISTA – O que mais irritava o latifúndio?

DONA CECÍLIA – Tudo. Tudo irritava o latifúndio. Tudo era motivo de violência. O latifúndio atacava o Chico por tudo: pela resistência dos empate, pelo sucesso das Reservas Extrativistas, pelas viagens

com a volta pra casa cheio de prêmio, pelo apoio que o movimento ganhava no mundo, pela luta toda.

JORNALISTA – Mas houve algum momento em que a situação ficou mais grave?

DONA CECÍLIA – Eu tenho pra mim que a gota d'água foi o empate do Cachoeira, o último empate que o Chico fez em vida. Era uma luta decisiva contra a derrubada dessa floresta do Cachoeira, onde nós da família Mendes sempre vivemos.

JORNALISTA – Caramba, que situação mais tensa, dona Cecília...

DONA CECÍLIA – Uns dias antes do Chico morrer, ele veio aqui e falou comigo: “Tia, agora o Cachoeira é nosso, mesmo. Agora, todo mundo vai ser dono do seu lugar, só que essa luta vai custar sangue, tia, e o sangue que vai derramar é o meu. O seringal é nosso, mas eles vão cobrar o meu sangue por isso.”

CENA 17

JORNALISTA – Como é que foi o desfecho daquele empate, dona Cecília?

DONA CECÍLIA – Eu me lembro de cada minuto daquele dia. Era maio de 1988. A madrugada começou quente e tensa. Entre nós, todo mundo sabia que ali estava por decidir o destino do Cachoeira.

JORNALISTA – A disputa era pelo pedaço de floresta do Seringal Cachoeira, que estava sendo grilado pelo latifúndio?

DONA CECÍLIA – Isso mesmo. O empate já durava uns três meses. Do nosso lado, eram mais de 150 seringueiro, mulher e home junto, todo mundo organizado em batalhão pra cercar as passagem pro seringal, pra não deixar a jagunçada entrar.

JORNALISTA – A história conta que ninguém entrou...

DONA CECÍLIA – Entrou, não. A hora que foi dos jagunço entrá, o pessoal falou: Não passa! Eles vinha trazendo o oficial de justiça pra ver se assim passavam. Aí, quando chegaram e viram aquele montão de seringueiro, o oficial de justiça falou: “Quer dizer



que não passa?” E o Chico falou: “Não passa, de jeito nenhum, não passa!”

JORNALISTA - “Não passa, de jeito nenhum, não passa!”

DONA CECÍLIA – O pió é que enquanto nós tava aqui naquela tensão do empate, o juiz de Xapuri mandou a polícia garantir uma derrubada no seringal Equador, que é vizinho nosso. Aí, nós tivemos que empatá lá no Equador também.

JORNALISTA – Como assim, o juiz autorizou um desmatamento ilegal?

DONA CECÍLIA – Autorizava sempre. Naquela época, com o Acre pegando fogo, os seringueiro apanhavam duro em delegacia, os delegado eram na maioria subornado e o juiz ficava sempre contra o movimento. Pra enfrentar seringueiro, a jagunçada vinha com a retaguarda da polícia, autorizada pelo juiz. Mas a gente sempre empatava assim mesmo, na cara e na coragem, com o Chico na linha de frente.

JORNALISTA – Mas voltando pro Cachoeira, o que mais aconteceu?

DONA CECÍLIA – A situação era tensa. O movimento já tinha feito uns 50 empate, já tinha ganhado uns 15. Em alguns dos empate, a própria polícia se compadecia de nós e parava o empate, pra dar tempo do Chico ir a Xapuri, tentar algum acordo. Naquela madrugada, todo mundo tava firme dizendo “não passa”, mas o Chico foi informado de que daquela vez não ia ter jeito, a ordem que vinha de cima era pra polícia garantir a derrubada.

JORNALISTA – E garantiu?

DONA CECÍLIA – Você sabe, nos empate a gente enfrentava a jagunçada tudo junto, homem e mulher enfileirava tudo junto na frente das motosserra. Naquele dia, a Marlene Mendes, que era prima do Chico e professora do Cachoeira, comunicou que o empate ia ser diferente. Ela disse pro Chico que dessa vez na frente iam as mulher e as criança, depois os homem, os mais jovem seguidos dos mais velho.

JORNALISTA – E o Chico Mendes concordou?

DONA CECÍLIA – Não tinha do que concordá. Era

decisão das mulher, ele sempre respeitava. Chegando no lugar onde era pros jagunço começá a derrubada, tinha bem uns 50 polícia armado, pronto para impedir o empate. Foi aí que a Marlene, junto com as criança e com as outras professora do Cachoeira, todas elas seringueira, abriram uma cantoria do Hino Nacional.

JORNALISTA – Imagino a cena, que momento extraordinário!

DONA CECÍLIA – Aquele foi um dos momentos mais emocionantes da resistência nos empates. No susto, o oficial comandante seguiu o regulamento deles, ordenou posição de sentido e todos os policiais se perfilaram para ouvir o Hino Nacional.

JORNALISTA – Que ousadia da Marlene Mendes, dona Cecília!

DONA CECÍLIA – A ousadia surtiu efeito. O comandante da operação concordou em adiar o desmatamento. Em Xapuri, no dia seguinte, o Chico não conseguiu cassar a licença da derrubada, mas deu tempo de um técnico do órgão ambiental encontrar uma irregularidade no tamanho da área a ser desmatada.

JORNALISTA – Que história fantástica!

DONA CECÍLIA – Com isso, o Cachoeira e o Equador continuam de pé. O Cachoeira, de fato, depois virou Projeto de Assentamento Extrativista e está na nossa mão até hoje. Mas o Chico tinha razão. Eles cobraram a vida dele por isso.

TODOS OS TEXTOS DO ATO III PODEM SER AJUSTADOS EM QUALQUER TEMPO, SEGUNDO OS INTERESSES DE LUCÉLIA SANTOS, PROTAGONISTA E INTÉRPRETE DAS TRÊS MULHERES DESTA PEÇA. OS TEXTOS DOS ATO I e II, COM AS FALAS DE VALDIZA ALENCAR E CECÍLIA MENDES, DEVEM SER MANTIDOS NA ÍNTEGRA.

CENA 18

Às vezes eu penso que o Brasil não tem noção do tamanho da resistência que o Chico fez, junto com



seus companheiros, nos anos 1970 e 1980. Foi a luta deles que breçou, às custas da vida do próprio Chico, o avanço descontrolado da pecuária sobre a Amazônia.

A pecuária entrou no Acre, instalou o terror, apostou na violência, matou lideranças, causou muito estrago, mas, mesmo com todo o apoio oficial, não venceu o extrativismo. Com mutirão, empate e tudo, o povo de Chico Mendes empatou a destruição da floresta.

Por um bom tempo, a pecuária estagnou. O extrativismo, ao contrário, não somente floresceu, como deu ao mundo imensa contribuição: com sangue, suor e luta, os seringueiros construíram o projeto das Reservas Extrativistas, um modelo sustentável, inteligente e único de reforma agrária, para a Amazônia.

Mas a ousadia de Chico Mendes e de seus companheiros foi além, muito além das Reservas Extrativistas. Ao juntar em uma só bandeira a organização sindical, a luta por direitos e a defesa da floresta, o Chico Mendes e os seringueiros do Acre fizeram uma verdadeira revolução no comportamento político, nos relacionamentos sociais, no enfrentamento dos conflitos, na construção de uma nova utopia.

CENA 19

Foi o apelo dessa incrível utopia, propagada aos quatro ventos com ideologia e paixão pelo Chico Mendes, que me levou ao Acre, em maio de 1988.

Eu havia conhecido o Chico alguns dias antes, no Rio de Janeiro, durante o Encontro Nacional do Partido Verde, do qual naquele momento eu era vice-presidenta. Convidado por nosso presidente, Alfredo Sirkis, o Chico nos apresentou, ali, o projeto das Reservas Extrativistas.

Daquele jeito bem simples, didático e sedutor do Chico, ele fez um resumo da trajetória das Reservas Extrativistas, desde o lançamento da proposta durante o I Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado na Universidade de Brasília, em outubro de 1985, até suas andanças, Brasil e mundo afora, em busca de alianças.

Ouvir de um seringueiro vindo lá do Acre que ele e seus companheiros haviam descoberto um jeito de garantir um desenvolvimento na Amazônia com a

floresta em pé, inspirado nas Terras Indígenas, onde a terra continuasse sendo de domínio da União, mas o usufruto passando a ser, em definitivo, das comunidades da floresta, me fez sentir totalmente mobilizada!

Ali mesmo, naquele exato momento, eu abracei o sonho do Chico e me lancei incondicionalmente no apoio às Reservas Extrativistas. Foi com esse espírito de luta que eu embarquei nas asas da quimera, rumo aos seringais do Acre, para esse meu compromisso da vida inteira com a defesa dos ideais de Chico Mendes.

CENA 20

A primeira vez que eu pisei o chão do Acre foi no dia primeiro de maio de 1988, para participar do I Encontro das Mulheres Seringueiras, em Xapuri, a convite do Chico Mendes.

Encontrei o Chico à minha espera, na porta do avião, no Aeroporto de Rio Branco. Aquele gesto dele me deixou muito feliz, muito emocionada.

Ali mesmo, eu me vi envolvida por uma onda de imenso carinho, me senti verdadeiramente bem-vinda!

Do Aeroporto, pegamos aquela estrada de terra vermelha e seguimos direto pra Xapuri, no veículo 4 por 4 do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. “Presente da Embaixada do Canadá”, me contou o Chico. De repente, lá estava eu, rumando para uma área de conflito que envolvia, de um lado, os seringueiros, defensores da floresta, e, do outro, os jagunços do latifúndio, inclusive o grileiro que, em dezembro daquele mesmo ano, mandou o filho pistoleiro entocaiar e matar o Chico Mendes.

Embora houvesse muita tensão no ar, encontrei o Chico animado, pronto para receber uma delegação de representantes da cooperação internacional, nos dias seguintes. Enquanto o Chico aguardava para se embrenhar conosco no Seringal Cachoeira, em busca do apoio esperado dos “gringos” para as Reservas Extrativistas, ele e eu nos sentamos por horas na varanda daquela casinha azul e rosa.

Ali, acomodada em um tamborete tosco, em volta de uma singela mesa de madeira, entre infundáveis goles de um café terrivelmente açucarado, servido



em latas de leite Moça, improvisadas como xícaras, eu gravei com o Chico, em fitas cassete, uma série de áudios, que ficaram guardados comigo por mais de três décadas.

Por todo esse tempo, eu sempre quis compartilhar esse bem precioso que o Chico deixou comigo. Mas essas lembranças, além de fortes e profundas, me causavam grande dor. O que vocês ouvem aqui, é a expressão mais genuína do pensamento do Chico, por ele mesmo, especialmente sobre sua grande paixão, as Reservas Extrativistas.

CENA 21

CHICO MENDES – Reservas Extrativistas (Áudio)

A proposta das Reservas Extrativistas é o seguinte: as terras [es]tão supostamente aí nas mãos dos grandes latifundiários. Em toda a área do Acre, apenas dez donos dominam todo o poderio de terras no Acre. Dez mandantes. O que nós queremos é o seguinte: É que essas terras passem para o domínio da União, que o governo desaproprie essas áreas, que elas passem para o domínio da União, não do Estado, da União, e que elas se transformem em usufruto para os habitantes da floresta, ou seja, para os seringueiros. E aí nós estamos colocando como proposta [o] cooperativismo, nós estamos colocando como proposta prioritária uma melhor forma de comercialização da borracha, a comercialização da castanha; nós queremos criar indústrias caseiras para se dar prioridade às outras riquezas porque, veja bem, quando nós defendemos a Reserva Extrativista, e quando nós defendemos e que nós apostamos que a Reserva Extrativista é economicamente viável para o Brasil, para a Amazônia e para a humanidade, é que nós não defendemos simplesmente hoje só a economia da borracha, não só a economia da castanha, mas a copaíba, os produtos extrativistas que são vários em toda a região da floresta e que estão sendo destruídos: o coco da tucumã, o patoá, o açaí, a copaíba, outra série... falta pesquisa nessa Amazônia, as árvores medicinais que é impossível ser[em] contadas, falta pesquisa... Basta que o governo leve a sério e nos dê essa possibilidade que em pouco

tempo nós vamos provar que é possível se conservar a Amazônia e transformar essa Amazônia numa região economicamente viável para o Brasil e para o mundo. (Perfeito!) Isso, nós temos clareza disso!

CENA 22

O Acre naquela época era um lugar distante no imaginário nacional, fora da rota de referência do movimento ambientalista no Brasil e no resto do planeta. Naquela nossa prosa, eu perguntei pro Chico como é que a luta dos seringueiros tinha crescido tanto, como é que ele tinha ido parar nos Estados Unidos. O Chico então me contou que viajou em busca de apoio internacional para as Reservas Extrativistas. Sempre as Reservas Extrativistas!

CHICO MENDES – Estados Unidos (Áudio)

Ô Chico, e como é que você foi parar nos Estados Unidos? Bom, a minha viagem para os Estados Unidos foi interessante. A partir desse Encontro, em janeiro de 1987 eu recebo uma visita da ONU, representante da ONU aqui em Xapuri, da UNEP (a partir do Encontro Nacional?) É, dos seringueiros, e essa pessoa fez questão de ir comigo ao seringal, conhecer a experiência nossa. E quando foi em março, eu fui convidado pelas entidades ambientalistas para uma viagem aos Estados Unidos, a Miami, e essa viagem de Miami que começa então a pegar fogo, que começa então a história do reconhecimento internacional da nossa luta. Daí, da minha participação na Conferência do BID, quando eu denunciei os projetos de desenvolvimento para o Brasil, principalmente para a Amazônia, financiados pelos bancos internacionais, (Banco Internacional...) Banco Interamericano de Desenvolvimento e Banco Mundial, denunciei, a primeira vez na história que um seringueiro conseguiu ir nos Estados Unidos denunciar as políticas de desenvolvimento (deles próprios) deles próprios, financiadas pelos bancos internacionais para a Amazônia.

E aí eu pela primeira vez (houve uma fiscalização, dos bancos) os bancos voltar atrás, resolvem fiscalizar, com a minha participação numa audiência no dia 28 de março (deste ano?) Do ano passado, com o chefe da Comissão da Operação de Verbas do Senado





Americano, inclusive a Comissão de Verbas do Senado Americano pediu que eu fosse o interlocutor de todos os projetos que são desenvolvidos na Amazônia pelos bancos internacionais, para avisar o que está acontecendo. (E agora me fala sobre essa vinda do BID amanhã, é amanhã que cê vai ter um encontro com o BID, o que é se pretende desse encontro, Chico?) O contato do BID comigo começa também na minha terceira viagem internacional o ano passado, pra Nova York, eu fui levado a Washington, para uma audiência com o BID, e mais uma vez, na sede do BID, eu coloquei a situação dos seringueiros na Amazônia. E o BID, com a pressão das entidades ambientalistas e com o apoio dos grandes jornais americanos, começa então a me reconhecer como uma pessoa séria, como uma pessoa dedicada à causa da Amazônia. Então, o resultado disso tudo é que agora o BID tá chegando no Acre, quer conversar comigo, quer ir comigo numa área de reserva dos seringueiros, e, segundo o que se sabe, eles estão dispostos a acatar a proposta do Conselho Nacional dos Seringueiros, que é criar-se Reservas Extrativistas em todos os pontos estratégicos de conflito na Amazônia, principalmente no Vale do Acre.

Essa é a intenção deles: Acatar nossa proposta, e é exatamente isso que nós vamos defender.

CENA 23

Infelizmente, o latifúndio não deixou o Chico viver para ver o sucesso das Reservas Extrativistas. Mas o projeto dele cresceu, floresceu, ganhou aliados, virou política pública. Esse é um dos resultados mais concretos da resistência do Chico e dos seus companheiros para salvar a floresta amazônica e os povos que nela vivem.

Em março de 1990, logo depois da morte do Chico, foram criadas, por decreto presidencial, as quatro primeiras Reservas Extrativistas brasileiras: Alto Juruá e Chico Mendes, no Acre; do Rio Ouro Preto, em Rondônia; e do Rio Cajari, no Amapá.

Hoje, existem Reservas Extrativistas em todos os biomas brasileiros. Somente na Amazônia, são 92 unidades, totalizando quase 25 milhões de hectares, quase 5% do território amazônico sob a proteção direta dos povos da floresta. No Acre, metade do

Estado foi transformada em reserva extrativista.

Contabilizando as áreas de gestão compartilhada entre comunidades tradicionais e poder público, são 35 milhões de hectares, o que corresponde a 7% da Amazônia Legal. Nessa maravilhosa imensidão de florestas protegidas, vivem 1,5 milhão de pessoas.

CENA 24

Em 22 de dezembro de 1988, apenas uma semana após completar 44 anos, no dia 15, Francisco Mendes Filho foi morto por um tiro de escopeta, disparado por um pistoleiro, a mando latifúndio, no quintal de sua casa, em Xapuri (AC).

Antevendo seu destino, o revolucionário Chico Mendes deixou registrado o seu sonho para o futuro. Dias depois de seu assassinato, o amigo Gomercindo Rodrigues encontrou, junto ao telefone da mesa onde ele trabalhava, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, o bilhete que Chico escreveu para a juventude:

“Atenção jovem do futuro – 6 de setembro do ano de 2120, aniversário ou primeiro centenário da revolução socialista mundial, que unificou todos os povos do planeta num só ideal e num só pensamento de unidade socialista, e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade. Aqui ficam somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte. Desculpem. Eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos que eu mesmo não verei. Mas tenho o prazer de ter sonhado.”

CENA 25

O Chico foi tão profundo no particular, foi tão capaz de amar os índios, os seringueiros, a vida no seringal, as árvores da floresta, os povos da floresta, a própria floresta, que se universalizou por isso, conforme ele mesmo disse: “No começo, eu pensei que estivesse lutando para salvar as seringueiras; depois, eu pensei que estava lutando para salvar a floresta amazônica; agora, eu percebo que estou lutando pela humanidade.” Perder aquela liderança e aquele amigo extraordinário foi uma das experiências mais doídas da minha vida.



DISCURSOS DE LUCÉLIA SANTOS NO VELÓRIO DE CHICO MENDES (Áudio)

Você foi um dos companheiros mais iluminados que eu tive (...) e dos seres humanos mais puros que eu conheci. Você era o verdadeiro homem da floresta. E a floresta taí, a tua luta taí, o teu projeto social a gente vai continuar encaminhando. Em nome da tua obra, de tudo o que você plantou, de tudo que você ensinou pra esse país e pra todo mundo que te premiou, que te aplaudiu e que vibrou com o teu trabalho. Na terra, gente vai lutar pela punição de quem te matou. A gente vai pedir justiça, justiça pra quem mandou te matar. A gente vai lutar pela Reforma Agrária, pra que outros assassinatos como esse não voltem a acontecer. A gente vai lutar pra acabar com essa UDR nojenta. A gente vai lutar para estabelecer uma democracia de verdade nesse país, que fica dizendo que é democrático e continua matando no campo os trabalhadores no campo. Em maio quando eu vim aqui, a pedido do Chico, pro Encontro das Mulheres e pra que se tirasse a chapa [da] nova presidência do Sindicato, eu disse, a UDR, nesse dia 1º de maio, eu quero dizer nessa praça de Xapuri que a UDR tem que aprender a respeitar os trabalhadores. A UDR continua não respeitando os trabalhadores. A violência, a brutalidade, a maldade no campo é uma coisa horrível. As pessoas não têm noção do que fizeram matando Chico Mendes. Não tem noção da burrice, da estupidez de matar um homem como Chico Mendes, não que as outras vidas que foram tiradas não tenham o mesmo valor, mas só que o Chico era conhecido no Brasil inteiro, amado no Brasil inteiro, conhecido fora do Brasil, foi premiado na ONU, era um homem de uma luz pessoal extraordinária e que atravessava fronteiras. Nós queremos Justiça! Hoje o Lula disse aqui: Um ministro da Justiça que não pune a morte de 80 camponeses num ano, que se deponha! Fora! Trabalhadores do campo, nós queremos uma Reforma Agrária no Brasil. Nós temos que reabrir esse Congresso, não esperar um ano, nem um dia. Assim que estourar o novo ano, 1989, a gente tem que botar uma campanha nas ruas, pedindo, exigindo, lutando por uma Reforma Agrária. A gente vai continuar unido em nome da vida do Chico, da força do Chico, da luz, do seu brilho, da sua gana, de tudo que ele representou pro movimento ecológico brasileiro e internacional, ecológico e social. Cada

gota de borracha que ele tira de uma seringa, que ele quer preservar a árvore em pé, ou de uma castanheira, é cada gota de suor de um trabalhador que tem que se transformar em pão, os trabalhadores têm direito a uma via normal, decente, digna. Em nome de tudo o que o Chico defendeu e que eu tive a honra de poder, humildemente, em algum momento, defender ao lado dele, em nome de todos os sonhos de Chico Mendes, em nome de todos os nossos sonhos que são um sonho só, é um sonho de uma sociedade harmoniosa, justa, humana, com pão pro todo mundo, com alegria no coração e o direito a um a Natal com amor e felicidade e alegria. Em nome de toda a vida, de todo o amor, de toda a pureza do nosso companheiro, do nosso amado Chico Mendes, eu abro esse ato, e não adianta a gente continuar repetindo o discurso político, a gente tem que se juntar, se organizar e exigir uma resposta do governo brasileiro.

EPÍLOGO

LUCÉLIA SANTOS

Lucélia Santos volta ao palco, agradece a audiência e, em uma gran finale, surpreende o público com seu contundente discurso político, construído por ela mesma, ajustado a cada apresentação, conforme a conjuntura, finalizando sempre com um chamado à Resistência:

Em memória de Chico Mendes e em defesa dos índios e seringueiros, dos povos que formaram, com o Chico, a Aliança dos da Floresta, seguimos em luta, seguimos esperneando, seguimos gritando, a plenos pulmões:

“Não passa, não passarão!”

Ninguém abandona a defesa dos povos da Floresta!

Ninguém desiste do legado de Chico Mendes!

Ninguém solta a mão de ninguém!

FIM



SOBRE A AUTORA

ZEZÉ WEISS



Foto: Eduardo Pereira

Maria José Vilas Bôas Pereira da Silva, conhecida como Zezé Weiss, nasceu em 19 de março de 1955, num barranco do Rio Grande chamado Porto Mansinho, localizado no município de São Francisco de Sales, Minas Gerais.

Filha de trabalhadores rurais, só saiu da roça aos dez anos de idade, para estudar na pequena cidade de Riolândia, estado de São Paulo. Alfabetizou-se em casa, com a ajuda de sua mãe, recortando sílabas de jornais velhos, que chegavam com as compras, e escrevendo palavras nas paredes da casa com pedaços de carvão, extraídos das brasas de um fogão a lenha.

Em casa, ainda criança, aprendeu com o pai militante os princípios dos direitos humanos, da justiça social, da solidariedade, da liberdade e da democracia. Na escola, entrou em 1965, na metade do terceiro ano do chamado curso primário, hoje ensino fundamental. No ano seguinte, concluiu o 4º ano com média 100.

Começou a militância política aos 13 anos, seguindo os passos do pai.

Aos 16 anos, mudou-se para Formosa, Goiás, onde, entre idas e vindas, vive até os dias de hoje. Estudou em Riolândia, Formosa, Brasília, Lima (Peru), Panamá (Panamá), Flórida (Estados Unidos) e Nova York (Estados Unidos). Formou-se professora, técnica em contabilidade, antropóloga, historiadora social e, pela New York University, graduou-se em jornalismo socioambiental.

Fundadora e militante do Partido dos Trabalhadores, é ambientalista, feminista, antirracista e terrivelmente socialista. Autora do livro *Vozes da Floresta – uma biografia coletiva de Chico Mendes* (duas edições esgotadas), desde outubro de 2014 edita a revista *Xapuri Socioambiental*, criada em parceria com o jornalista Jaime Sautchuk (1953–2021).

Escreve sobre temas socioambientais e da luta política. Dramaturga, nunca foi. *Vozes da Floresta – A Peça*, é sua única exceção. O texto foi “parido” a pedido de Lucélia Santos, amiga de longa data, para registrar a militância de Lucélia no Acre, com Chico Mendes. Zezé optou por retratar essa memória da luta de Chico Mendes sob a retina histórica de Valdiza Alencar, Cecília Mendes e Lucélia Santos, três mulheres da Resistência.



"A NOSSA LUTA
É PELA DEFESA DA SERINGUEIRA,
DA CASTANHEIRA;
E ESSA LUTA NÓS VAMOS LEVAR ATÉ O
FIM, PORQUE NÃO VAMOS PERMITIR
QUE NOSSAS FLORESTAS
SEJAM DESTRUÍDAS."

CHICO MENDES